

A LEITURA LIBERTADORA DA BÍBLIA

SUMARIO

*Frei Carlos Mesters,
O. Carm.*

Sacerdote holandés en Brasil, carmelita, doctor en Teología y en Ciencias Bíblicas en Roma y en la Escuela Bíblica de Jerusalén. Es autor de muchas publicaciones bíblicas.

El "acercamiento" liberador de la Biblia es abordado en este estudio en dos partes: se comienza describiendo algunos hechos significativos oriundos de la vida y, a seguir, se hace observaciones que explicitan el alcance de los hechos evocados para la lectura de la Biblia. En la primera parte, se utiliza un lenguaje más narrativo; en la segunda, se retoma lo dicho en la primera, pero de manera un poco más sistemática, en dos apartados: la dinámica interna del proceso de interpretación popular y su novedad. El estudio termina con algunas consideraciones sobre el alcance y los desafíos de la interpretación popular de la Biblia.

INTRODUÇÃO

Limito-me ao que acontece aqui no Brasil, pois não tenho muito conhecimento do que se passa nos outros países da América Latina. Mas descrevendo bem um metro quadrado da água do rio, consegue-se ter uma idéia do resto da água que enche o rio todo.

A fonte da leitura libertadora da Bíblia é aquilo que o povo cristão vive nas Comunidades Eclesiais de Base. É a sua maneira de tirar da Bíblia força e luz para a sua caminhada e sua luta. Com a ajuda da Bíblia, ele chega a uma experiência nova de Deus e a uma visão nova da ação transformadora e libertadora do Palavra de Deus na vida.

Vou começar este artigo, descrevendo alguns fatos significativos vindos da prática e, em seguida, procuro fazer observações que explicitam o alcance destes fatos para a leitura popular da Bíblia.

1ª PARTE

TRES FATOS QUE REVELAM A SITUAÇÃO A QUE CHEGAMOS

1º FATO: *Colombia*

Aconteceu durante a primeira reunião de um curso bíblico. Havia umas 25 pessoas. Na parede estava a frase DEUS É AMOR. O padre perguntou: "Quem escreveu?" Um senhora respondeu: "Fui

eu!". E o padre: "Por que escreveu?" Resposta da senhora: "Achei a parede meio vazia". O Padre: "E por que colocou esta frase?" A senhora: "Achei bonita". O Padre: "Tirou a frase de onde!" E a senhora respondeu: "Eu mesma inventei! Achei que é isto que devemos viver como cristãos!".

Aí o padre disse: "Vamos abrir a Bíblia na primeira carta de São João, capítulo 4, versículo 8". Demorou até que todos tivessem encontrado o texto. Ele pediu àquela senhora para ler. Ela leu: "Aquele que não ama não conhece a Deus; pois DEUS É AMOR".

Foi a primeira vez na sua vida que ela abriu a Bíblia. Levou susto. Não esperava encontrar lá dentro aquela sua frase da parede. Descobriu que, sem ela saber, a Palavra de Deus já estava na sua vida. Ficou numa satisfação e alegria tão grandes, que quase não dormiu naquela noite. No dia seguinte, a Bíblia que tinha recebido do Padre estava cheia de papelzinhos marcando as páginas. Durante a noite, encontrou outras frases conhecidas!

Este fato tão simples e muitos outros fatos semelhantes revelam o seguinte a respeito da interpretação que o povo das comunidades cristãs faz da Bíblia:

1. A Bíblia é aceita pelo povo como *Palavra de Deus*. Esta fé já existe antes de nós chegarmos com a Bíblia. É nela que penduramos tudo o que temos a dizer. É o que caracteriza a leitura que fazemos da Bíblia na América Latina. Sem esta fé, todo o processo e todo o método teriam sido diferentes.

2. Está em andamento uma descoberta progressiva de que a Palavra de Deus não está só na Bíblia, mas também na vida, e de que o objetivo principal da leitura da Bíblia não é interpretar a Bíblia, mas sim interpretar a vida com a ajuda da Bíblia. Descobre-se que Deus fala hoje, através dos fatos.

3. A Bíblia entra por uma outra porta na vida do povo; não pela porta da autoridade, mas sim pela porta da experiência pessoal e comunitária. Ela se faz presente não como livro que impõe uma doutrina de cima para baixo, mas como uma Boa Nova que revela a presença libertadora de Deus na vida e na luta do povo. A Bíblia

confirma a caminhada que o povo está fazendo e, assim, o anima na sua esperança.

4. Antes, a Bíblia ficava longe, agora chegou perto! O que era misterioso e inacessível, começou a fazer parte da vida quotidiana dos pobres. E junto com a sua Palavra, o próprio Deus chegou perto! Difícil para um de nós avaliar a experiência de novidade que tudo isto representa para os pobres.

2º FATO: Nova Iguaçu, Rio de Janeiro

Era um encontro bíblico só para negros. Começou todos ouvindo a história pessoal de dois negros já de idade. História de muito sofrimento e discriminação. Em seguida, todos juntos, em mutirão, tentaram lembrar a história dos negros no Brasil. Numa visão de conjunto, apareceu no quadro a linha do tempo da longa escravidão com a sua sequência de opressões. Depois disso, pediram que fosse dada a visão global da história do povo da Bíblia. Assim, no fim, num grande quadro paralelo, havia duas histórias, distantes no tempo, mais próximos no conteúdo: duas histórias de opressão e de luta pela libertação. Esta foi a primeira parte.

Na segunda parte, decidiram aprofundar o cativeiro do povo da Bíblia. Queriam saber como enfrentar o cativeiro, em que eles mesmos se encontram hoje, século XX, aqui no Brasil. Foi um estudo de muitas e preciosas descobertas. Houve uma identificação muito forte do grupo com o Servo de Javé, de que fala o profeta Isaías, e com a sua missão. Começaram a olhar a sua própria situação com outros olhos.

Observações em torno do fato:

1. Ao ler a Bíblia, o povo das Comunidades traz consigo a sua própria história e tem nos olhos os problemas que vem da realidade dura da sua vida. A Bíblia aparece como um espelho, "sím-bolo" (cfr. Heb 11,19), daquilo que ele mesmo vive hoje. Estabelece-se, assim, uma ligação profunda entre a Bíblia e a vida que, às vezes, pode dar a impressão de um concordismo superficial. Na realidade, trata-se de uma leitura orante de fé muito semelhante à leitura que faziam os Santos Padres.

2. Para que se produza esta ligação profunda entre Bíblia e vida, é importante: a) ter nos olhos as perguntas reais que vem da vida e da realidade sofrida de hoje, e não perguntas artificiais que nada tem a ver com a vida do povo; b) descobrir que se pisa o mesmo chão, ontem e hoje; c) ter uma Visão Global da Bíblia que esteja ligada com a situação concreta dos leitores. Lendo assim a Bíblia, produz-se uma iluminação mútua entre Bíblia e vida. O sentido e o alcance da Bíblia aparecem e se enriquecem à luz do que se vive e sofre na vida, e vice-versa.

3. A partir desta nova ligação entre Bíblia e vida, os pobres fazem a descoberta, a maior de todas: "Se Deus esteve com aquele povo no passado, então Ele está também conosco nesta luta que fazemos para nos libertar. Ele escuta o nosso clamor!".

3º FATO: *Cabedelo, Paraíba*

A Celebração final do encontro bíblico iniciou com um canto. Em seguida foi feita a leitura da história dos discípulos de Emaús até onde diz: "Nós esperávamos ...!" (Lc 24,13-24). Fez-se uma parada para responder à pergunta: "A cruz matou a esperança dos discípulos: qual a cruz que hoje está matando a esperança do povo?".

Em seguida, continuaram a leitura e ouvimos como Jesus interpretou as Escrituras para os dois discípulos (Lc 24,25-27). O grupo se dividiu em grupinhos de tres: cada um sendo Cristo para os outros dois. Deviam partilhar entre si quando o irmão ou a irmã, com a sua Palavra, foi Cristo para ele ou ela e lhe fez arder o coração.

Depois de uns dez minutos, ao som de um canto, o grupo reuniu-se novamente para ouvir como os discipulos chegaram em Emaús e como reconheceram Jesus na fração do pão (Lc 24,28-32). Aí, todos entraram na sala e celebraram a Eucaristia, a fração do pão.

No fim, depois da comunhão, leram como os discípulos voltaram para Jerusalém, onde continuavam vivas as forças da morte que tinham levantado a cruz e matado Jesus. Mas os dois, por dentro, já tinham obtido a vitória sobre o poder da morte pela sua fé na ressurreição (Lc 24,33-35).

Observações em torno do fato:

1. Neste fato aparece claramente que, para uma boa interpretação, é muito importante criar um ambiente orante de fé e de fraternidade, através de cantos, orações e celebrações. Ou seja, sem este contexto do Espírito, não se chega a descobrir o sentido que o texto tem para nós hoje. Pois o "sentido" da Bíblia não é só uma idéia ou uma mensagem que se capta e se objetiva com a razão; é também um "sentir", uma consolação, um conforto que é "sentido" com o coração.

2. Surge, aos poucos, uma nova maneira de se olhar a Bíblia e a sua interpretação. A Bíblia já não é vista como um livro estranho que pertence ao clero, mas é o *nosso* livro, "escrito para nós que tocamos o fim dos tempos" (1 Cor 10,11).

3. A interpretação é uma atividade envolvente que compreende não só a contribuição intelectual do exegeta, mas também e sobretudo todo o processo de participação da Comunidade: trabalho e estudo dos grupos, leituras pessoais e comunitárias, teatro e outras dinâmicas, celebrações, orações, recreios, etc... Interpretar é, antes de tudo, uma atividade comunitária onde todos participam, cada um a seu modo e conforme a sua capacidade, inclusive o exegeta.

Concluindo

Há muitos outros fatos. Bastam estes tres para sentir o vento novo que sopra e conhecer a situação a que se chegou. A prática, revelada por estes fatos, foi surgindo ao longo dos anos. A sua semente vem dos anos 40 e 50, quando começou a renovação. Convém não esquecer que tudo isto, de que estamos falando, se refere só às Comunidades Ecléσιαis de Base, que são apenas uma pequena minoria. A grande maioria tem outro jeito de olhar a Bíblia, menos libertador e mais fundamentalista.

• Para que apareça melhor o itinerário que foi percorrido ao longo dos anos, convém apresentar tudo isto de uma maneira um pouco mais sistemática. Veremos dois aspectos: a dinâmica interna do processo da interpretação popular, e a sua novidade.

2ª PARTE

A DINÂMICA INTERNA DO PROCESSO DA INTERPRETAÇÃO

1. Três Fatores

Muitos fatores contribuíram para que se chegasse a este tipo de leitura da Bíblia aqui no Brasil. Destacamos três deles que não podem ser ignorados para se entender a atual conjuntura.

a) O Trabalho da JOC: uma nova maneira de ver a revelação de Deus

O método Ver, Julgar, Agir trouxe, aos poucos, uma nova maneira de se considerar e experimentar a ação reveladora de Deus dentro da história. Antes de se procurar saber o que Deus fala, procura-se ver a situação do povo, os seus problemas. Em seguida, com a ajuda de textos bíblicos, procura-se *julgar* esta situação. Isto faz com que, aos poucos, a fala de Deus não vem da Bíblia, mas vem dos fatos iluminados pela Bíblia. E são eles que levam a *agir* e a celebrar de maneira nova. É o método de ver-julgar-agir.

b) O Concílio Vaticano II e o Documento Dei Verbum

O Documento Dei Verbum consagrou para a Igreja toda esta nova maneira de ver a ação reveladora de Deus. Deus fala hoje através dos fatos e das pessoas. Nós conseguimos descobrir sua fala com a ajuda da Bíblia, a Palavra escrita de Deus. Ela nos apresenta como norma (cânon) a história vivida do povo de Israel.

c) O golpe militar e a crise do vanguardismo

A situação do povo era de abandono. Em 1964, o golpe militar revelou que o trabalho de conscientização, feito até aquele momento, era muito imperfeito. O assim chamado vanguardismo levou um

choque. Percebeu-se a necessidade de um trabalho mais capilar e paciente junto do povo, respeitando muito mais a sua cultura e a sua caminhada. A Igreja era o único lugar onde ainda se podia trabalhar com liberdade sem ser vítima da repressão política. Assim, a partir dos anos 60, começou um trabalho de base, de onde surgiram em todo canto as comunidades eclesiais de base. O povo começou a ler a Bíblia.

Mas o fator mais importante de todos, que nunca foi pego em flagrante, embora atue em todos os outros fatores, é a ação do Espírito Santo. Ele atua nesta realidade e a conduz. Ouvir o que o Espírito diz às Igrejas!

2. Tres Etapas

No decorrer destes anos, tres aspectos tiveram seus momentos privilegiados, um depois do outro. São como que tres objetivos distintos, que estão presentes no uso que o povo faz da Bíblia:

a) *Conhecer a Bíblia - Instruir*

A renovação da exegese, as tres encíclicas sobre a interpretação da Bíblia de Leão XIII, Bento XV e Pio XII, o trabalho de divulgação dos exegetas, a renovação litúrgica levaram a Bíblia para mais perto do povo. Além disso, aqui no Brasil, o que ajudou a provocar nos católicos um interesse maior pela Bíblia foi o vigor missionário das igrejas pentecostais. Assim, a vontade de conhecer a Bíblia estimulou muita gente a uma leitura mais frequente.

b) *Criar Comunidade - Celebrar*

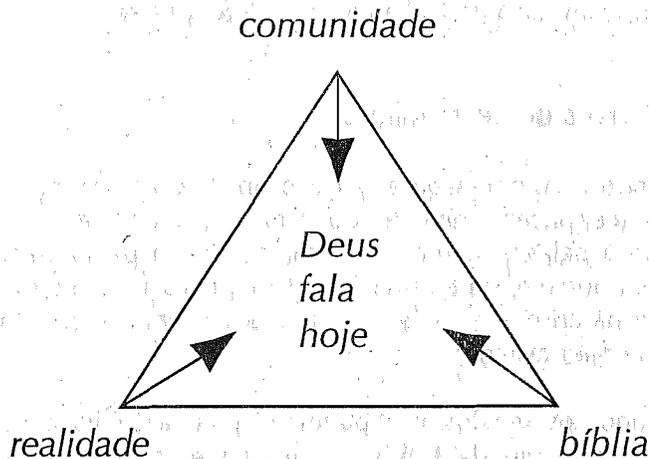
Na medida em que a Palavra começava a ser lida e ouvida, ela produzia os seus frutos. O primeiro fruto foi o de aglutinar as pessoas e de criar comunidade. Semanas bíblicas populares, difusão da Bíblia em língua vernácula, celebrações da Palavra, escassez do clero, cursos, encontros, treinamentos, inúmeros grupos e círculos bíblicos, mês da Bíblia: tudo isto produziu um fervilhar comunitário muito grande em torno da Palavra de Deus.

c) Servir ao povo - Transformar

Sobretudo a partir de 1968, foi dado mais um passo. O conhecimento da Bíblia e a preocupação comunitária encontraram o seu objetivo que é o serviço ao povo e a defesa da vida. Não tendo dinheiro nem tempo para ler os livros sobre a Bíblia, os pobres começaram a ler a Bíblia a partir do único critério de que dispunham: a sua vida de fé, vivida em comunidade, vida sofrida de povo oprimido. Lendo assim a Bíblia, descobriam o óbvio que não conheciam: uma história de opressão igual à que eles mesmos sofrem hoje; uma história de luta pelos mesmos valores que eles perseguem hoje: terra, justiça, partilha, fraternidade, vida de gente.

3. A Dinâmica Interna

Estas três etapas são como que três aspectos ou tres objetivos de uma e mesma atitude interpretativa frente à Bíblia. Entre eles existe uma dinâmica interna que marca o processo da interpretação popular: *conhecer a Bíblia* leva a *conviver em comunidade*; *conviver em comunidade* leva a *servir ao povo*; *servir ao povo*, por sua vez, leva a *desejar um conhecimento mais aprofundado do contexto de origem da Bíblia*, e assim por diante. É uma dinâmica que não termina nunca. Estes tres aspectos: um nasce do outro, supõe o outro e leva ao outro.



Não importa tanto a partir de qual dos tres aspectos se inicia o processo da interpretação. Isto depende da situação, da história, da cultura e dos interesses da comunidade ou do grupo. O que importa é perceber que um aspecto fica incompleto sem os outros dois.

Geralmente, em todas as comunidades, há pessoas que se identificam com um destes tres aspectos: 1. pessoas que querem *conhecer* a Bíblia e que se interessam mais pelo estudo; 2. pessoas que insistem mais na *comunidade* e nas suas funções internas; 3. pessoas mais preocupadas em *servir ao povo* e em dar a sua contribuição na política e nos movimentos populares.

Tudo isto produz tensões entre os vários grupos e interesses. Estas tensões são saudáveis e fecundas. Por exemplo, em alguns lugares, a prática política mais intensa dos últimos anos está pedindo, agora, um *conhecimento* mais aprofundado do texto bíblico e uma *vivência comunitária* mais intensa da espiritualidade da libertação. Em outros lugares, a vivência comunitária chegou no seu limite e está pedindo uma ação mais engajada nos movimentos populares. Com outras palavras, as tensões ajudam a criar um equilíbrio que favorece a interpretação da Bíblia, e impedem que ela se torne unilateral.

Às vezes, porém, estas tensões são negativas e levam cada um dos três aspectos a se fechar sobre si mesmo e a excluir os outros dois. O itinerário da interpretação popular, muitas vezes, é tenso e conflitivo, com risco de fechamento e de retrocesso.

4. Perigos de Fechamento

Quando a comunidade alcança o objetivo de um destes três aspectos (conhecer, conviver ou servir), alguns membros, por fidelidade à palavra, querem avançar e dar um passo adiante, e outros, em nome desta mesma fidelidade, recusam a abertura. É o momento da crise e é também o da graça. Nem sempre vence o grupo que quer avançar.

1. Todos os movimentos pastorais usam a Bíblia e nele se apoiam. Em nome da Bíblia, os fundamentalistas recusam a interpretação e a abertura para a realidade. Em alguns lugares, os

grupos bíblicos que se fecharam em torno de si mesmos e em torno da letra da Bíblia, tornaram-se os grupos mais conservadores da paróquia. O próprio exegeta pode correr o perigo de fechar-se dentro do estudo liberal e até progressista do texto bíblico.

2. Muitos movimentos se fecham no comunitário, no místico, no carismático, e recusam a abertura para o político. Eles se abrem para o serviço aos pobres (e muito), mas não numa linha de transformação e de libertação.

3. Existe o fechamento do lado oposto, embora com menor frequência. A comunidade alcança um grau de serviço mais comprometido e de consciência política mais clara; percebe como o comunitário, o pessoal e o devocional podem ser manipulados com relativa facilidade pela ideologia dominante, e conclui que estas coisas não contribuem tanto para a transformação. Por isso, ela corre o perigo de fechar-se no social, no político, no serviço ao povo.

Embora compreensíveis, fechamentos assim são trágicos, pois nenhum dos três alcança o sentido sozinho. Para superar este perigo, é importante manter um ambiente de diálogo. Pois onde a palavra humana circula com liberdade e sem censura, a palavra de Deus gera liberdade.

3ª PARTE

NOVIDADE E ALCANCE DA INTERPRETAÇÃO POPULAR

Dentro da interpretação que os pobres fazem da Bíblia existe uma novidade de grande alcance para a vida das Igrejas. Novidade antiga que vem de longe e que retoma alguns valores básicos da Tradição comum! Seguem aqui sete pontos que, de uma ou de outra maneira, sinalizam o itinerário:

1. O objetivo da interpretação já não é buscar informações sobre o passado, mas sim clarear o presente com a luz da presença do

Deus-conosco, Deus Libertador; é interpretar a vida com a ajuda da Bíblia. Redescobre-se na prática a nova visão da Revelação, descrita e definida pela *Dei Verbum*.

2. O *sujeito* da interpretação já não é o exegeta. Interpretar é uma atividade comunitária em que todos participam, inclusive o exegeta que nela exerce um papel especial. Por isso, é importante ter nos olhos não só a fé da comunidade, mas também fazer parte efetiva de uma comunidade viva e buscar o *sentido comum* aceito por esta comunidade. Esta pertença efetiva a uma comunidade viva exerce uma influência crítica sobre a função da exegese científica que, assim, se coloca mais a serviço.

3. O *lugar social* de onde se faz a interpretação é a partir dos pobres, dos excluídos e dos marginalizados. Isto modifica o olhar. Muitas vezes, por falta de uma consciência social mais crítica, o intérprete é vítima de preconceitos ideológicos e, sem se dar conta, usa a Bíblia para legitimar o sistema de opressão que desumaniza.

4. A leitura que relaciona a Bíblia com a vida é *ecumênica e libertadora*. Leitura ecumênica não quer dizer, em primeiro lugar, que católicos e protestantes discutem as suas divergências para chegar a uma conclusão comum. Isto pode ser uma consequência. O mais ecumênico que temos é a vida que Deus nos deu. Aqui na América Latina, a vida de grande parte da população corre perigo, pois já não é vida. Leitura ecumênica é interpretar a Bíblia em defesa da vida. Pessoas de várias denominações cristãs nos unimos não em defesa das nossas instituições e confissões, mas sim em defesa e a serviço da vida do povo. Ora, na atual situação em que vive o povo da América Latina, uma leitura em defesa da vida, necessariamente deve ser libertadora. Por isso mesmo, ela é conflitiva. Tornou-se sinal de contradição.

5. Aqui aparece a diferença com a exegese européia. O problema maior entre nós não é a fé que corre perigo por causa da secularização. Mas é a *vida que corre o sério perigo* de ser eliminada e desumanizada. E o que é pior, a própria Bíblia corre perigo de ser usada para legitimar esta situação em nome de Deus. Como no tempo dos reis de Judá e de Israel, usa-se a Tradição para legitimar os ídolos. A interpretação popular descobre, revela e denuncia esta manipulação.

6. O *método* e a *dinâmica*, usados pelos pobres nas suas reuniões, são muito simples. Eles não costumam usar uma linguagem discursiva, feita de argumentos e raciocínios. Preferem contar fatos e usar comparações. É uma linguagem que funciona por associação de idéias e cuja preocupação primeira não é *fazer saber*, mas sim *fazer descobrir*.

7. Aparecem com maior clareza a *função e os limites da Bíblia*. Os limites são estes: a Bíblia não é fim em si mesma, mas está a serviço da interpretação da vida; sozinha ela não funciona e não consegue abrir os olhos, pois o que abre os olhos é a partilha do pão, o gesto comunitário. A Bíblia deve ser interpretada dentro de um processo mais amplo, que leva em conta a comunidade e a realidade. A Bíblia é como o coração: fora do corpo da comunidade e da vida do povo morre e faz morrer!

4ª PARTE

DESAFIOS QUE REVELAM O NOVO QUE ESTÁ CHEGANDO

1. A Leitura feminista

A leitura feminista questiona e relativiza a leitura masculinizada de séculos. Ela não pode ser descartada como um fenômeno passageiro nem como uma das muitas curiosidades exegéticas sem maiores consequências. Ela é uma das características mais importantes que vem surgindo de dentro da leitura popular da Bíblia. O seu alcance é muito maior do que poderia parecer à primeira vista. No Brasil ela adquire uma importância maior ainda por causa da esmagadora maioria de mulheres que participam ativamente nos grupos bíblicos e sustentam a luta do povo em muitos lugares.

2. O Fundamentalismo que avança

Num encontro de duas semanas, organizado pelo CESEP em Goiânia em Janeiro de 1991, havia mais de 600 participantes, vindos

das CEBs de quase todos os Estados do Brasil. Muitos jovens! Nos três dias dedicados ao estudo da Bíblia, a linha da interpretação era claramente libertadora. Nas conversas com os participantes, porém, aparecia, várias vezes, uma atitude interpretativa diferente, em que se misturava fundamentalismo com teologia da libertação. Sobretudo nos jovens! Como explicar este fenômeno? Vem de onde? Do contato com a linha conservadora, com a linha carismática, com os *crentes*? Será que também não vem das deficiências da atitude libertadora frente à Bíblia? Será que não vem de algo mais profundo ainda que está mudando no subconsciente da humanidade? Pois, o perigo do fundamentalismo não existe só nas igrejas cristãs, mas também nas outras religiões: judaica, muçulmana, budista... Existem até formas de um fundamentalismo secularizado.

3. *A busca de Espiritualidade e o nosso método de interpretação*

Em todo canto se ouve e se sente o desejo de maior profundidade, de mística, de espiritualidade. A Bíblia, de fato, pode ser uma resposta a este desejo. Pois, a Palavra de Deus tem duas dimensões fundamentais. De um lado, ela traz uma *luz*. Neste sentido, ela pode contribuir para clarear as idéias, desmascarar as falsas ideologias e comunicar uma consciência mais crítica. De outro lado, ela traz uma *força*. Neste sentido, ela pode animar as pessoas, comunicar coragem, trazer alegria, pois ela é força criadora que produz o *novo*, gera o povo, cria os fatos, faz amar. Infelizmente, na prática pastoral, estes dois aspectos da Palavra estão separados. De um lado, os movimentos carismáticos; de outro lado, os movimentos de libertação. Os carismáticos têm muita oração, mas muitas vezes carecem de visão crítica e tendem para uma interpretação fundamentalista, moralizante, espiritualista e individualista da Bíblia. Por isso, a sua oração, muitas vezes, carece de fundamento real no texto e na realidade. Os movimentos de libertação, por sua vez, tem muita consciência crítica, mas, às vezes, carecem de perseverança e de fé, quando se trata de enfrentar situações humanas que, dentro da análise científica da realidade, em nada contribuem para a transformação da sociedade. Às vezes, eles têm uma certa dificuldade para enxergar a utilidade de longas horas gastas em oração sem resultado imediato.

°4. A cultura dos nossos povos e o Antigo Testamento

No mito do Tucuman, que explica aos índios da região amazônica a origem do mal no mundo, o culpado não é a mulher, mas sim o homem. Alguém perguntou: "Por que não usamos os nossos mitos em vez dos mitos do povo hebreu?" Não houve resposta. A mesma pergunta foi feita num curso bíblico na Bolívia em Maio de 1991. Os participantes, quase todos Aymaras, perguntavam: "Por que usar só a Bíblia? As nossas histórias não são mais bonitas, menos machistas e mais conhecidas?" As religiões da Ásia, mais antigas que a nossa, levantam estas mesmas perguntas há vários anos. Qual o valor da nossa história e da nossa cultura. Será que elas não poderiam valer como o *nosso* Antigo Testamento, onde estão escondidas as *promessas* que Deus fez aos *nossos* antepassados e onde existe a *nossa lei* como "*nosso* pedagogo para Jesus Cristo" (Gál 3,24)? O Evangelho não veio condenar o Antigo Testamento, mas sim completá-lo e explicitar todo o seu significado (Mat 5,17). O Antigo Testamento do povo de Israel é o *cânnon* ou a *norma* inspirada que nos ajuda a perceber e a revelar esta dimensão mais profunda da nossa cultura e história, do nosso Antigo Testamento.

5. Necessidade de se criar centros de estudos bíblicos na América Latina

A caminhada da Comunidades avança e se aprofunda. Aos poucos, do coração desta prática popular está surgindo uma nova atitude interpretativa que não é *nova*, mas muito *antiga*. Ela tem necessidade de ser legitimada tanto a partir da Tradição das Igrejas como a partir da pesquisa exegética. A leitura que se faz a partir dos pobres e a partir da causa dos pobres tem suas exigências próprias. Na medida em que se avança, cresce o desejo de maior aprofundamento científico. Há muitos assessores bíblicos que gostariam de ter um conhecimento das línguas bíblicas; gostariam de conhecer melhor o contexto econômico, político, social e ideológico em que nasceu a Bíblia; gostariam de levar para dentro da Bíblia as perguntas que hoje angustiam o povo na vivência da sua fé. Além disto, fala-se muito em escassez do clero. Escassez maior e mais urgente é a de assessores e assessoras bíblicas capazes de responder à demanda crescente de formação bíblica e de fazer frente ao problema novo que está se criando por causa do crescimento imenso

do fundamentalismo (muito mais perigoso do que qualquer outro -ismo). Além disso, a prática da leitura bíblica, feita nas Comunidades Eclesiais de Base da América Latina, já adquiriu uma certa repercussão na Igreja Universal, pois está provocando discussões, reações e adesões em muitos lugares. Isto se viu claramente no Encontro Mundial da FEBIC, realizado em Bogotá em julho de 1990, e no Encontro Mundial da Igreja Luterana, realizado em Curitiba em janeiro de 1990. Há muitos outros sinais do interesse que existe nos outros Continentes pela leitura que se faz da Bíblia aqui na América Latina. Por tudo isso, é importante que se comece a pensar seriamente na criação de um centro de pesquisa e de formação bíblica que se oriente a partir dos problemas reais que sentimos por aqui nas nossas comunidades.

Endereço do Autor:
Convento do Carmo
Praça Frei Tito Brandama s/n
Caixa Postal 73.064
23.900.000 Angra dos Reis
Rio de Janeiro
Brasil